

Fim de regime

23. IV. 54

Raul Pilla

OS ESTUDANTES iniciaram, anteontem, dia de Tiradentes, uma campanha nacional contra a corrupção. Será, por sua importância, tão memorável, quanto a luta pela Abolição e pela República.

Estamos, com efeito, assistindo a um fim de regime. Só não o percebem, como sempre acontece, os que vão acabar com ele. Não há regime, qualquer que seja, que possa indefinidamente suportar a sobrecarga dos desmandos, a que estamos assistindo. Só por os comportar, estaria condenado. Expiaria os abusos que houvesse tolerado, só por os haver tolerado. Mas, no caso brasileiro, não é a tolerância a sua única, nem sequer a sua maior culpa. A culpa máxima, a culpa que o condena irremissivelmente a perecer é que ele, por si mesmo, independentemente dos homens, bons ou maus, que o têm feito funcionar, tem concorrido decisivamente para a gangrena que está apodrecendo o País. Despotismo e irresponsabilidade é o que ele tem oferecido. Está por isto chegando ao fim.

Na assembléia de anteontem, a que eu tive a honra de assistir, estudou-se a sintomatologia da afecção. Apresentaram os oradores, em côres vivas, os maiores escândalos dos últimos tempos. Deram uma idéia do mar de lama, que está submergindo o Brasil. Por aí foi que se começou e se deveria começar a campanha. E' necessário que se tenha consciência plena do próprio mal. Mas esta campanha, que, secundando a ação do Parlamento, da imprensa e do rádio, a mocidade das escolas tomou a si, não pode ficar nisto. Dos sintomas deve descer às causas, para das causas ascender à terapêutica.

Ai então, o regime, já desmoralizado pela corrupção que permitiu dominasse o País, será extirpado como tumor maligno.

Estamos assistindo, realmente, a um fim de regime. Al do Brasil se assim não fôsse • ele não tivesse a faculdade de renovar-se, para sobreviver!